

## NA PONTA DA LÍNGUA

### — SESSENTA E CINCO NOVOS TEXTOS E ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS RESPOSTAS PRONTAS\*

1. Pelo menos desde o século XVIII, a infância dispõe de uma literatura que, sob formas diferentes, lhe é expressamente dirigida. Contudo, frequentemente preocupada com a obediência a uma função utilitário-pedagógica que diversas instituições e sectores da sociedade lhe reclamam, esta literatura infantil desde há muito se converteu numa indústria especializada — e próspera —, esquecendo que, como escreveu Manuel António Pina: «escrever livros ‘infantis’ para dizer coisas é introduzir os valores da produtividade e do lucro, da eficácia, no gratuito, radical e livre mundo das crianças, para fazer delas gente tão feia como a maior parte de nós. E é por isso que, de facto, muita literatura ‘infantil’ que por aí se publica é de facto menor ...»<sup>1</sup>.

Há contudo na literatura infantil — se a entendermos como aquela que é assumida pelas crianças, independentemente de lhe ser ou não expressamente dirigida — uma área bem mais antiga e bem mais conforme com o «gratuito, radical e livre mundo das crianças»: referimo-nos às chamadas rimas infantis.

Justificando o seu estatuto de parente pobre da literatura infantil e da literatura oral — fora de cujo universo não podem ser entendidas —, as rimas infantis não têm despertado em Portugal uma atenção sistemática.

---

\* Este texto retoma, com algumas alterações, a comunicação apresentada pelo autor ao «XIX Symposium on Portuguese Traditions», Los Angeles, University of California, Department of Spanish and Portuguese, 20-21 de Abril de 1996. Na circunstância, o trabalho foi apresentado sob o título «As rimas infantis da tradição portuguesa — Algumas observações sobre as respostas prontas».

<sup>1</sup> Excerto de declarações do autor, insertas numa reportagem sobre um encontro de literatura infantil realizado no Porto (*Jornal de Notícias*, 31/3/1990, p. 10).

A maior parte das publicações sobre o tema é da responsabilidade de etnógrafos e limita-se quase sempre a uma recolha de textos. Não obstante, esta lacuna foi em parte ultrapassada com a publicação em 1992 de uma obra de Maria José Costa intitulada *Um Continente Poético Esquecido — As rimas infantis*<sup>2</sup>. Trata-se de um ensaio que, pelo seu propósito sistematizador e por uma série de pistas de investigação que propõe, representa um bom ponto de partida para um conhecimento mais aprofundado deste universo e para a realização de futuros trabalhos sobre pontos mais específicos.

A sua importância resulta antes de mais da fixação de uma designação e na proposta de um conceito para este *continente poético*: «conjunto dos textos rimados do folclore infantil português de transmissão oral, usados com e entre crianças, e que tradicionalmente acompanha o desenvolvimento destas desde o nascimento até um limite pouco definido, que se pode situar por volta dos 14-15 anos» (p. 24). É certo que tanto a designação como o conceito podem ser objecto de algumas restrições. Desde logo, podemos discordar da importância atribuída à rima, notando que nem todos os textos apresentam essa característica e que é o ritmo — apoiado numa regularidade que pode resultar de diversos factores — que fundamentalmente os marca e distingue. De resto, comparando variantes, é fácil observar que o texto pode sofrer modificações sem que a fórmula rítmica seja alterada, o que mostra como — em muitos casos — o ritmo funciona como o elemento verdadeiramente estruturador do texto. Não seria portanto descabido substituir «rimas» por *rítmicas*, como propôs Arnaldo Saraiva<sup>3</sup>. Outras expressões, como «jogos verbais infantis», «poética oral infantil» ou «arte verbal infantil», poderiam igualmente ser adoptadas. Aceitemos contudo a proposta de Maria José Costa, até porque se trata da designação mais comum e é a que mais se aproxima das expressões utilizadas noutras línguas.

Não é fácil caracterizar de forma satisfatória este universo, na medida em que estamos perante um conjunto muito heterogéneo de textos, que vai das canções de embalar aos trava-línguas, passando pelas lengalengas, rimas onomásticas, respostas prontas e por uma série de outros grupos. Por outro lado, o que fundamentalmente parece distinguir as rimas infantis é algo que só pode ser observado *in praesentia* e até, preferencialmente, pas-

<sup>2</sup> Porto, Porto Editora, 1992.

<sup>3</sup> *Rimas Infantis*, in «Jornal de Notícias», 26/11/89, p. 72.

sando pela experiência concreta de — num regresso à infância — actualizar um dos seus textos, um dos seus jogos. E o que pode resultar de um contacto desse tipo com formas aparentemente tão rudimentares é, sobretudo, do domínio da perplexidade. Perplexidade perante o prazer da palavra, perante a utilização quase gratuita — e livre — da linguagem, num jogo que parte sobretudo das estruturas fonológicas da língua e que, aproveitando as suas ambiguidades, nos confronta com o sentido do *nonsense*, nos interroga sobre os mecanismos produtores de sentido, nos convida a abandonar a posição cómoda de utilizadores obedientes e passivos da língua, pondo em evidência os automatismos que a dominam. Perplexidade perante o carácter simples ou ingénuo dos textos e dos jogos, mas em que descobrimos não raro verdadeiras pérolas de graça, de inteligência, de sensibilidade. Perplexidade perante a simbiose entre a palavra, o gesto, a música. Perplexidade perante o seu efeito socializador e educativo, apesar do recurso ao palavrão e à obscenidade.

Talvez todas estas perplexidades — e a perturbação que inevitavelmente acarretam — expliquem o facto de as rimas infantis não terem até agora suscitado um interesse sério junto dos estudiosos. De facto, não é fácil lidar com textos que nos fazem perguntas para as quais não temos resposta pronta, sobre questões como a linguagem, a poesia, a música, o gesto, ou sobre temas como a religião, a escola, o direito, as disformidades, os desvios (de todo o tipo).

2. Embora não tenhamos respostas para todos esses desafios que as rimas infantis nos propõem, tentaremos aqui lançar alguma luz sobre um dos seus grupos: o das chamadas respostas prontas. Como a designação o sugere, trata-se de frases feitas que, num determinado contexto, permitem à criança ou ao adolescente (ou até ao adulto) que as utiliza responder com vantagem sobre o seu interlocutor a uma determinada situação.

À semelhança do que acontece com quase todos os outros grupos das rimas infantis, as respostas prontas estão quase por estudar. Maria José Costa foi a única autora a apresentar uma caracterização mínima desta área. Por um lado, identificou a sua função: «permitir à criança parecer espirituosa e ser irreverente sob a capa protectora, por desculpabilizante, da rima» (p. 116). Por outro lado, notou que a maior parte delas depende do aparecimento, na fala do interlocutor, de uma determinada pergunta, interjeição, palavra ou frase, embora possa tratar-se também da resposta a uma situação. Além disso, identificou neste grupo um conjunto de textos preferencialmente usados pelo adulto para iludir pedidos da criança.

Embora se trate de um contributo importante, cremos que é possível ir um pouco mais longe, partindo da reflexão sobre os textos. O *corpus* de respostas prontas que está disponível é significativo do ponto de vista da quantidade e da diversidade (inclusive geográfica), mas quase todas foram recolhidas até às primeiras décadas do nosso século e — em função da nossa experiência pessoal de utilizador deste tipo de frases feitas — cremos que terão sido deixados de lado exemplares susceptíveis de serem considerados menos próprios. Supomos por isso que haverá alguma vantagem em partir de recolhas mais recentes e não condicionadas por nenhum tipo de censura, pelo que basearemos o nosso trabalho num *corpus* inédito, reproduzido no anexo final.

Trata-se de um grupo de 65 textos e 7 variantes inéditos (4 deles constituem, porém, variantes de outros que já se encontram publicados), resultantes de uma recolha a várias mãos, em diferentes tempos e espaços geográficos.

A parte maior — 45 textos e 3 variantes — foi recolhida por nós e está identificada pela sigla [FT]. Basicamente, esta recolha foi feita nos arquivos da nossa memória e é possível considerar nela três grupos:

— O primeiro é o dos textos mais “ingénuos”, que usámos ou ouvimos usar até aos primeiros anos da escola primária, num período que corresponderá aproximadamente aos anos de 1971 a 1975 e à área geográfica da freguesia de Mafamude, Vila Nova de Gaia. Neste grupo, é possível considerar duas divisões: a daqueles que ouvimos e usámos preferencialmente em casa, boa parte dos quais aprendidos com a nossa mãe (n.ºs 2 a 6, 26, 29, 59, 60, 63 e 64); a dos que aprendemos e usámos nos primeiros anos da escola primária (n.ºs 7, 8, 15, 18, 22, 56 a 58, 61 e 62).

— O segundo grupo abarca sobretudo textos mais “maliciosos”, em que é frequente surpreender o recurso ao palavrão. Corresponde ao período em que frequentámos o ciclo preparatório, na Escola Teixeira Lopes, também em Mafamude, Vila Nova de Gaia, nos anos lectivos de 1977/78 e 1978/79 (n.ºs 9 a 11, 24, 25, 27, 28, 31, 39, 40 a 49, 51, 54 e 55).

— O terceiro grupo abarca apenas dois textos, recolhidos noutras circunstâncias: o n.º 13 (que ouvimos casualmente na Maia, em Março de 1995, a uns rapazes com cerca de 12 anos que brincavam na rua) e o n.º 20 (que ouvimos, em Março de 1993, em Lisboa, também a um grupo de rapazes de idade semelhante).

Quanto aos restantes, a maioria foi recolhida — através de inquéritos realizados a crianças e adolescentes da escolaridade obrigatória — por

três antigas alunas nossas da cadeira de Literaturas Orais e Marginais do curso de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Letras do Porto. Clara Sarmento — de quem são publicados 5 textos (identificados pela sigla [CS]) — realizou o seu trabalho no Porto, em 1992; Sónia Duarte — de quem são publicados 1 texto e 2 variantes (identificados pela sigla [SD]) — realizou o inquérito em S. João da Madeira, também em 1992; Conceição Catarreira — de quem são publicados 10 textos e 2 variantes (identificados pela sigla [CC]) — desenvolveu o trabalho em Campo Maior, em 1994.

Os últimos quatro textos foram-nos fornecidos pelo nosso colega Luís Miguel Duarte, em Abril de 1995. Estão identificados pela sigla [LMD].

3. Observando o *corpus*, ressalta imediatamente a sua diversidade e a convicção de que nem sempre se trata de um resposta propriamente dita, menos ainda de uma resposta «natural». Recorrendo a citações exemplificativas, procuraremos mostrar como essa diversidade é passível de ser tipificada, permitindo a repartição dos textos por seis grupos com características bem diferenciadas. No final, proporemos algumas conclusões mais gerais sobre as respostas prontas.

O grupo I caracteriza-se pela presença de uma pergunta natural, efectiva, e por uma resposta burlesca, que a ilude. Sirva de exemplo o texto n.º 3 do anexo final:

— De que cor é?  
— É azul às riscas,  
a fazer faíscas.

Dentro deste grupo, merece uma consideração particular um caso que tem a ver com textos em que a resposta burlesca apresenta um tom diferente, de certa forma menos gracioso e mais ofensivo, o que é devido à utilização de palavrões. A título de exemplo, vejamos o texto n.º 13, que se destaca ainda pela particularidade do bilinguismo, factor adicional do humor que caracteriza estas respostas prontas:

— How do you do?  
— Kiss my cu.

No grupo II, temos uma pergunta não-natural, «armadilhada», seguida de uma resposta natural e de um comentário ou uma resposta final de carácter burlesco. Implicando pelo menos três intervenções, estes textos apresentam uma situação inversa à do grupo anterior, na medida em que agora leva a melhor quem faz a pergunta. Eis um exemplo:

- Trouxeste-me a cesta?
- Qual cesta?
- Vai p'ra casa, não sejas besta. (n.º 14)

Podem merecer um comentário individualizado textos como o 21.º e o 24.º, que simulam convocar um saber escolar:

- Mil e mil?
- Dois mil.
- Teu pai tem uns cornos até o Brasil.
  
- Diz-se cúria ou curia?
- [resposta indiferente]
- Vai-te foder,  
que eu já sabia.

O último texto é particularmente curioso: a falsa pergunta parece apontar para um aspecto do domínio da ortoépia, mas — sem que a intenção seja essa — acaba por pôr em destaque a função distintiva que o acento pode desempenhar. É de notar também que, ao contrário de quase todos os outros casos, a resposta é aberta, pois qualquer das alternativas abre espaço para o comentário final.

Pela exploração da polissemia, destacam-se também os textos 17.º e 18.º. Aquele, terminando com uma pergunta que sublinha o logro, distingue-se dos outros textos deste grupo:

- Gostas de chouriço na brasa?
- [resposta indiferente]
- E devagarinho?

O grupo III apoia-se igualmente num estímulo verbal, mas de tipo diferente: em vez de uma pergunta, depende agora do aparecimento na fala do interlocutor de um determinado elemento verbal, quase sempre suscep-

tível de ser entendido como um “descuido”. Trata-se portanto de um jogo casual, difícil de condicionar, em que nos surpreende sobretudo a atenção ou a finura da observação do segundo interlocutor. Pode servir de exemplo o texto n.º 25, que se destaca pelo aproveitamento da paronímia:

- Pode ser ...
- Pau de cera é uma vela.

Interessantes são também respostas como a 26.<sup>a</sup> e a 27.<sup>a</sup>, que recorrem à homofonia ou à homonímia como apoio para uma crítica a marcas sociolectais:

- A gente ...
- Agente é da polícia.
  
- Amostra!
- As amostras são no Porto.

Também bastante curiosa é a resposta 31.<sup>a</sup>, que pode ocorrer perante o uso de qualquer forma do verbo «lembrar»:

- Se bem me lembro,  
fui-te ao cu em Dezembro.

Trata-se de uma resposta interessante, não propriamente pela obscenidade que a caracteriza, mas antes pela natureza da sua fonte inspiradora: uma expressão («Se bem me lembro...») consagrada por Vitorino Nemésio num célebre programa televisivo. Curioso é também o facto de o texto ter continuado vivo num período sensivelmente compreendido entre 1977 e 1979, numa altura em que a maior parte dos seus utilizadores já não teria consciência da sua origem. Este caso pode ainda representar um bom ponto de partida para o debate acerca do efeito da televisão nas rimas infantis e para a avaliação da durabilidade das eventuais influências detectadas.

Merece também uma referência particular o texto 33.º:

- Ó diz «balança»!
- Balança.
- O teu pai toca  
e a tua mãe dança.

Neste caso, o pretexto para a resposta ou comentário final é expressamente solicitado pelo interlocutor a quem caberá encerrar o diálogo. Este apresenta-se assim como um diálogo condicionado, «armadilhado», semelhante — neste aspecto — à situação observada no segundo grupo.

No grupo IV, encontramos uma situação nova: a «resposta» deixa de ser um *ataque* mais ou menos gratuito para passar a ser uma defesa — uma legítima defesa —, ainda que sob a forma de contra-ataque. Em vez da palavra como brinquedo, temos agora a palavra como arma, que pode servir para responder a uma crítica. É o que acontece no texto 34.º — que representa a reacção de alguém que foi repreendido por estar a coçar-se —, em que é possível observar o recurso a fórmulas proverbiais:

— O direito da mulher  
é coçar onde quiser.  
O direito do homem  
é coçar onde lhe come.

A resposta pode também servir como reacção a um comentário desagradável, como acontece no texto 41.º:

— Bem feito!  
— Quem é bem feito não é corcunda.

ou ainda no 36.º, agora a propósito de uma observação negativa sobre a baixa estatura:

— Sou pequenina,  
de perninha grossa.  
Sainha curta,  
papá não gosta.

A resposta pronta pode ainda funcionar como reacção a uma ameaça, declarada ou não, como se vê no texto n.º 45:

— Há azar?  
— Vira o cu e põe-t' andar.

ou como reacção a um insulto, como acontece no texto n.º 50:

— Paneleiro!  
— Sou paneleiro, faço panelas;  
em cima de ti é que são elas.

Trata-se, sem dúvida, de uma defesa inteligente, que utiliza a força da palavra — e, em particular, a força da rima — para responder a situações difíceis em que a violência (e não apenas a verbal) pode estar presente, mesmo que apenas sob a forma de ameaça.

Se alguns textos nos surpreendem pela sua graça e pela sua simplicidade desconcertante, outros — como o último que foi citado — merecem a nossa atenção por outros motivos. Mais do que o isossilabismo, é possível notar com algum espanto a estratégia da resposta: num primeiro momento, a palavra é tomada no seu sentido primitivo, o que permite anular o insulto e aceitar a identificação; numa segunda fase, o interpelado passa de imediato ao contra-ataque, anunciando uma vingança física que, curiosamente, não deixa de sugerir — devido à ambiguidade que, neste contexto, rodeia uma expressão como «em cima de ti» — a prática de um acto de homossexualidade activa, que faria do seu interlocutor uma vítima.

No grupo V, a «resposta» é o comentário, humorístico, a uma declaração (no caso, amorosa) de cuja veracidade o segundo interlocutor duvida, como o mostra o 52.º texto:

— Meu amor!  
— Meu amor, minha vida,  
minha sanita entupida.

O grupo VI caracteriza-se antes de mais pelo facto de o pretexto para a «resposta» ser representado, não por um acto verbal, mas por uma situação. Quanto à «resposta», ela pode servir para uma crítica a determinados comportamentos, como a inveja:

— Maria nabiça,  
tudo que vê,  
tudo cobiça! (n.º 54)

o servilismo interesseiro:

— Engraxa, engraxa,  
cinco tostões p'ra caixa! (n.º 55)

a denúncia:

— Acusa, Pilatos,  
come cães e gatos! (n.º 56)

Pode igualmente servir para sublinhar um embuste, como no texto n.º 57:

— Enganei-te  
com uma pinga de leite,  
à porta da igreja,  
a comer uma cereja  
(a tomar uma cerveja).

ou para exprimir um protesto, como acontece no n.º 58, que é usado por quem foi calcado:

— Burros me calcam!  
— Cavalos se queixam!

O sétimo e último grupo abarca textos preferencialmente ditos pelo adulto em interacção com a criança, que servem para desvalorizar, pelo humor, uma queixa:

— Estão rotas [as meias, p. ex.].  
— Mais garotas! (n.º 60)

um desejo:

— Quero ir ao Porto.  
— A cavalo num burro morto. (n.º 63)

ou um pedido para que se conte uma história, como acontece no texto n.º 65, que é um exemplo dos chamados contos de burla:

— Queres que te diga?

Morreu a formiga.

— Queres que te conte?

Debaixo da ponte.

— Queres que te torne a contar?

Voltou-se a desenterrar.

5. Terminada esta rápida descrição, tentaremos agora extrair alguma conclusões sobre as respostas prontas genericamente consideradas.

Creemos que a primeira observação a fazer se prende com o reconhecimento da heterogeneidade deste grupo. Como vimos, o modo como os factores «pergunta» e «resposta» se apresentam é muito variável, acrescentando ainda a circunstância de nem sempre estarmos perante perguntas e respostas propriamente ditas. Por outro lado, convém notar a íntima vinculação das respostas prontas a um contexto bem determinado, fora do qual não encontram aplicação nem fazem sentido.

Num outro plano, importa sublinhar a extrema brevidade dos textos, que com frequência se limitam a uma única frase, e a importância decisiva que neles assume a rima. Efectivamente, são poucos os casos em que ela está ausente; por outro lado, percebe-se igualmente que é ela que em grande medida impõe ou condiciona a resposta e explica a aparente falta de sentido (pelo menos de sentido semanticamente determinado) de alguns textos.

Outra característica essencial das respostas prontas é o humor, que — como fomos vendo nos comentários feitos acima — pode ser obtido de diversos modos, a começar pelo desacordo entre pergunta e resposta ou pela exploração das zonas de sombra da língua, como os fenómenos de homonímia ou de paronímia.

Factor importante na produção do humor é a obscenidade, que resulta quase sempre do recurso ao palavrão e que explica parte dos olhares de revés que alguns sectores continuam a dedicar ao conjunto das rimas infantis. Experiência libertadora, que permite ao sujeito opor-se à norma e às convenções, a utilização do palavrão — sobretudo por parte da criança — pode ser também algo de ainda mais ingénuo como o contacto com

a materialidade do signo, quase liberto de referencialidade (pelo menos imediata).

Por último, julgamos ser também importante observar que as respostas prontas abarcam um universo bem maior de utilizadores relativamente ao que acontece na generalidade das rimas infantis. É evidente que uma afirmação deste tipo — na ausência de inquéritos exaustivos e rigorosos — só pode ser feita a partir de uma verificação empírica. Mesmo assim, supomos que será relativamente pacífico afirmar que tanto as crianças como os adolescentes e os adultos utilizam respostas prontas, sem com isto pretendermos dizer que qualquer destas faixas etárias utiliza qualquer texto. Haverá certamente alguns que serão usados preferencialmente pelas crianças (serão os mais ingénuos), outros que serão ditos sobretudo pelos adolescentes (os que revelam maior finura e complexidade, mas também os mais agressivos, devido sobretudo à presença do palavrão), outros ainda que terão no adulto o seu principal utilizador (as falsas respostas a perguntas elementares ou os diversos casos do último grupo a que anteriormente nos referimos).

Creemos que esta última nota é bem elucidativa do diálogo que as rimas infantis permitem estabelecer entre as diferentes faixas etárias. Para que ele frutifique bastará provavelmente alguma disponibilidade da nossa parte para ouvir e para aprender, deixando que a criança tome o lugar que nós habitualmente nos reservamos nas relações com ela. Talvez assim as rimas infantis deixem de ser o *continente poético esquecido* de que falava Maria José Costa e nós tenhamos capacidade para elaborar outro tipo de respostas prontas para as muitas interrogações que esses textos nos propõem.

*Francisco Topa*

ANEXO

I.

1.  
— Quem é?  
— É o preto que quer café.  
— Quanto custa?  
— Um pataco.  
— Vá-se embora, seu macaco.  
[CS]
2.  
— O que é?  
— Línguas de perguntador. [FT]
3.  
— De que cor é?  
— É azul às riscas,  
a fazer faíscas. [FT]
4.  
— E agora?  
— Faz-se (mija-se) na mão  
e deita-se fora. [FT]
5.  
— (A)onde?  
— Em Vila do Conde. [FT]
6.  
— Que contas?  
— Contas são contas.  
Linhas quebradas,  
tudo são pontas. [FT]
7.  
— Que horas são?  
— São horas de comer o pão.  
[FT]  
— (Var.) Faltam cinco minutos  
[(meia hora) p'ra daqui a bocado.  
[FT]
8.  
— E depois?  
— Vacas não são bois. [FT]
9.  
— Por cima ou por baixo?  
— É por onde der mais tacho.  
[FT]
10.  
— Como te chamas?  
— Com a boca. [FT]

11.  
— Onde moras?  
— Na rua do bicalho,  
por cima de um talho,  
em frente ao caralho. [FT]
12.  
— O qu' é isso?  
— Merda com chouriço. [CC]
13.  
— How do you do?  
— Kiss my cu. [FT]
- II.**
14.  
— Trouxeste-me a cesta?  
— Qual cesta?  
— Vai p'ra casa, não sejas besta.  
[CC]
15.  
— Gostas de amoras?  
— Gosto.  
— Vou dizer ao teu pai que já  
[namoras. [FT]
16.  
— Gostas de chouriço na brasa?  
— [resposta indiferente]  
— E devagarinho? [LMD]
17.  
— Gostas de castanhas?  
— Gosto.  
— Então vou-te dar umas piladas.  
[LMD]
18.  
— Quem é o guarda-redes do  
[Sporting?  
— Damas.  
— Toma (-as)! [uma bofetada]  
[FT]
19.  
— Qu'és vir?  
— Onde?  
— Beijar o cu ao conde. [CC]
20.  
— Já foste a casa do Boda?  
— Que Boda?  
— O caralho que te foda. [FT]
21.  
— Mil e mil?  
— Dois mil.  
— Teu pai tem uns cornos até o  
[Brasil. [CC]
22.  
— Nove vezes nove?  
— Oitenta e um.  
— Sete macacos e tu és um.  
— Fora eu que não sou nenhum.  
ou  
Quem o diz é que o é,  
tem a cara de chimpanzé. [FT]
23.  
— Dez e dez?  
— São vinte.  
— Vai ao diabo que te pinte.  
— Eu fui lá e ele não me pintou.  
Vá o burrinho que me mandou.  
[CS]

24

- Diz-se cúria ou curia?  
— [resposta indiferente]  
— Vai-te foder,  
que eu já sabia. [FT]

III.

25.

- Pode ser ...  
— Pau de cera é uma vela. [FT]

26.

- A gente ...  
— Agente é da policia. [FT]

27.

- Amostra!  
— As amostras são no Porto.  
[FT]

28.

- Querias!  
— Batatas com enguias! [FT]

29.

- Ah!  
— Há mas são verdes! Se fossem  
[maduras, já se comiam. [FT]

30.

- Minha vida!  
— Minha vida, meu amor,  
meu penico voador. [CC]  
— (Var.) Minha vida, meu amor,  
minha roda de tractor. [CC]

31.

- [Perante o uso de alguma forma  
do verbo «lembrar»]  
— Se bem me lembro,  
fui-te ao cu em Dezembro. [FT]

32.

- Eu vi-te!  
— Onde?  
— Atrás dum poço,  
a roer um osso. [CC]

33.

- Ó diz «balança»!  
— Balança.  
— O teu pai toca  
e a tua mãe dança. [SD]

IV.

34.

- [Quando se repreende alguém que  
se coça]  
— O direito da mulher  
é coçar onde quiser.  
O direito do homem  
é coçar onde lhe come. [CS]

35.

- [Quando alguém se queixa de  
mau cheiro]  
— Quem se queixa  
larga a ameixa! [LMD]

36.  
[Perante um comentário desagradável sobre a baixa estatura]  
— Sou pequenina,  
de perninha grossa.  
Sainha curta,  
papá não gosta. [CS]
37.  
[Depois de se ser gozado]  
— Tem tanta graça qu'até  
[embaça! [CC]
38.  
[Perante uma ameaça de sodomia]  
— O meu cu é de cortiça;  
quem lá vai fica sem piça. [LMD]
39.  
[Perante uma afirmação verdadeira, mas ofensiva]  
— Com muito gosto  
e com muito prazer!  
Quem não gostar  
que se vá foder! [FT]
40.  
[Perante o tratamento por «pá»]  
— Se eu sou pá,  
tu és raquete.  
Eu como na mesa,  
tu comes na retrete. [FT]  
— (Var.) Se eu sou pá,  
tu és Chico.  
Eu como na mesa,  
tu comes no penico. [SD]
- (Var.) Se eu sou pá,  
tu és vassoura.  
Eu como na mesa,  
tu comes na manjedoura. [SD]
41.  
— Bem feito!  
— Quem é bem feito não é  
[corcunda. [FT]
42.  
— Tens a mania!  
— De comer ratos ao meio-dia.  
[FT]
43.  
— Vais ver!  
— A água (o rio) a correr. [FT]
44.  
— (...) tu vias!  
— Eu cagava e tu comias. [FT]
45.  
— Há azar?  
— Vira o cu e põe-t' andar. [FT]
46.  
— Nunca viste?  
— Merda engoliste,  
por um buraco saíste. [FT]
47.  
— Vai à merda.  
— Vai tu e papa-a com erva,  
p'ra ti e p'ros teus colegas. [FT]

48.

— Filho da puta!  
— S' a tua mãe é puta,  
a minha não tem culpa. [FT]

49.

— Panasca!  
— Fui-t'ó cu,  
ficast'à rasca. [FT]

50.

— Paneleiro!  
— Sou paneleiro, faço painéis;  
em cima de ti é que são elas.

[CC]

51.

— Paneleiro!  
— Sou paneleiro e tenho fama.  
Mais paneleiro é quem me  
[chama! [FT]

V.

52.

— Meu amor!  
— Meu amor, minha vida,  
minha sanita entupida. [CC]  
— (Var.) Meu amor, minha  
[perdição,  
meu animal d' estimação. [CC]

53.

— Minha paixão!  
— Minha paixão, meu  
[amorzinho,  
meu copinho de vinho. [CC]

VI.

54.

[Perante uma manifestação de  
inveja]  
— Maria nabiça,  
tudo que vê,  
tudo cobiça! [FT]

55.

[Perante uma manifestação de ser-  
vilismo interesseiro]  
— Engraxa, engraxa,  
cinco tostões p'ra caixa! [FT]

56.

[Recriminação perante uma de-  
núncia]  
— Acusa, Pilatos,  
come cães e gatos! [FT]

57.

[Depois de uma partida]  
— Enganei-te  
com uma pinga de leite,  
à porta da missa,  
a comer uma chouriça. [FT]  
— (Var.) Enganei-te  
com uma pinga de leite,  
à porta da igreja,  
a comer uma cereja  
(a tomar uma cerveja). [FT]

58.

[Quando se é calcado]  
— Burros me calcam!  
— Cavalos se queixam! [FT]

VII.

59.

— Estou doente.

— C' o cu(zinho) quente. [FT]

60.

— Estão rotas [as meias, p.ex.].

— Mais garotas! [FT]

61.

— Tenho sede.

— Bebe uma parede. [FT]

62.

— Tenho medo.

— Compra um cão. [FT]

63.

— Quero ir ao Porto.

— A cavalo num burro morto.

[FT]

64.

— Quero ir a Lisboa.

— A cavalo numa bem boa. [FT]

65.

— Queres que te diga?

Morreu a formiga.

— Queres que te conte?

Debaixo da ponte.

— Queres que te torne a contar?

Voltou-se a desenterrar. [CS]